



**VERA
SAAVEDRA
DURÃO**

(INTERINA)



2004: o ano do emprego?

"Vamos ter de transformar o ano que vem no ano em que a gente vai envolver a sociedade para discutir a geração de empregos".

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República.

O ano de 2004 é aguardado como o ano de retomada do crescimento da economia brasileira. O que interessa saber é se em razão das restrições atuais, qual seria o crescimento possível e quanto seria necessário o país crescer para trazer para baixo a taxa de desemprego, como acena o governo.

Na estimativa de economistas do banco Itaú, que manifestaram essa preocupação em seu último informe econômico semanal, o PIB precisaria crescer, no mínimo, 3,3% para o desemprego não aumentar no ano que vem. A cada um ponto percentual acima desta linha de crescimento, a taxa de desemprego encolheria cerca de 0,2 ponto percentual.

A previsão do banco paulista para o crescimento do PIB em 2004 é de 3,6%, percentual que é quase consenso no mercado. Se esta estimativa vier a se confirmar, a taxa de desemprego permaneceria ainda próxima do patamar atual de 12,2%, sinalizando que o desemprego ainda continuará alto no curto prazo.

A economia, portanto, terá que crescer muito mais do que vem sendo previsto por analistas de bancos e consultorias e pelo próprio governo para reduzir o desemprego.

Nas simulações do economista Marcelo Neri, chefe da área social da Fundação Getúlio Vargas (FGV), se o PIB crescesse 4% ao ano, seriam criados 2 milhões de emprego/ano, suficientes para cobrir pelo menos a necessidade dos 1,5 milhão de novos brasileiros que ingressam no mercado de trabalho.

Neste ano, com um PIB próximo de zero, nos onze primeiros meses de governo do PT o total de desempregados subiu para 2,6 milhões ou 316 mil pessoas a mais em Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que concentram 20% da população empregada do país.

Mercado informal faz renda média encolher

Foram criados no período 595 mil novos postos de trabalho, dos quais apenas 45 mil com carteira assinada e 476 mil em ocupações sem carteira e de conta própria, informa o IBGE.

Esse aumento da ocupação, numa situação de quase estagnação da economia em 2003, só se explica por conta da qualidade do emprego gerado, a maioria no mercado informal, como realça Lauro Ramos, do Ipea, estudioso do fenômeno. Em novembro, aumentou em 670 mil o número de subempregados que ganham menos de um salário mínimo em relação ao que havia em janeiro.

Neri alerta para esta baixa qualidade dos empregos que vêm sendo gerados na economia. "Acho que não só a questão do emprego é importante, mas a sua qualidade também. É preciso ter fundamentos internos e condições externas favoráveis e crescimento sustentável para em 2004 o país crescer com aumento do emprego de boa qualidade".

Para tal, ele chama a atenção para a importância de se ter um quadro macroeconômico capaz de atrair novos investimentos. "Não adianta ter políticas públicas em área de trabalho competente se não tiver situação macroeconômica favorável que atraia investidores. É ficar enxugando gelo".

O aumento dos postos de trabalho na área informal tem colaborado para puxar para baixo a renda média do brasileiro, que encolheu 6,8% nesse período de administração petista. Em janeiro, quando Lula tomou posse, o trabalhador ganhava em média R\$ 896,99 e agora, R\$ 835,80.

No livro "O Ornitorrinco", o sociólogo Francisco de Oliveira considera que a tendência à formalização das relações salariais estancou nos anos 80, com expansão do trabalho informal. A seu ver, na situação atual do capitalismo periférico, com destaque para o Brasil, não haverá retorno "para o velho e bom trabalhador com carteira, quando o ciclo de negócios se reativar".

Diante desse cenário, restará ao governo Lula tentar exorcizá-lo aviando a única receita mais conhecida dos manuais de economia para acelerar o crescimento e dar emprego de qualidade: estimular o aumento do investimento fixo, que hoje se situa em 17,6% do PIB, nível característico de recessão.

Na estimativa dos economistas do Itaú, seria preciso um fluxo de investimento em torno de 20% do PIB para a economia brasileira voltar a crescer acima de 4% e de forma sustentada. O Brasil tem condições para chegar lá: juros em queda, estabilidade econômica e política que inspirem confiança. Só falta completar este belo quadro com a dupla emprego e renda.